

O EXEMPLO VEM DE LISSESSE

Nunca é tarde para aprender

ANA RITA TENE

A POUCO mais de 150 quilómetros da cidade de Lichinga existe um centro de alfabetização e educação de adultos que tem estado a realizar o sonho da população local: saber ler e escrever. Afinal, nunca é tarde para aprender, segundo um velho ditado.



Mulheres e homens juntam-se para aprender a ler e escrever, em Lissesse

O centro abrange maioritariamente pessoas privadas de estudar por razões adversas, que vão desde questões culturais, guerras, migração, incapacidade dos pais em apoiar o seu processo de formação.

Situado na localidade de Lupili-

chi, posto administrativo de Lunho, distrito do Lago, o Centro de Alfabetização e Educação de Adultos de Lissesse ajuda jovens e adultos que, não tendo tido a oportunidade de estudar, procuram agora meios de se formar e profissionalizar nalguma área.

Desde que começou a operar,

em 2007, muitos são os que viram seus sonhos de se formar tornarem-se realidade. Actualmente, 33 alunos estão a frequentar o 1.º e 3.º ano de alfabetização, para posterior ingresso no segundo grau do Ensino Primário.

O cinyanja e o português são usados para imprimir uma maior

dinâmica ao processo de ensino e aprendizagem. É que muitos objectos, animais, plantas e até mesmo os números são conhecidos em língua local, faltando apenas a introdução destas componentes em língua portuguesa.

Segundo Elias Njilane, facilitador no centro de Lissesse, a

iniciativa de abrir um local de alfabetização surgiu da necessidade de resgatar as meninas, as mães e os homens do povoado para poderem estudar, sendo que alguns acabam bem encaminhados profissionalmente.

Entre as actividades que ajudam as alunas a melhorar a comunicação em português estão algumas

A GUERRA de desestabilização que assolou o país durante 16 anos deixou marcas indeléveis na vida de muitos moçambicanos, com enfoque para as zonas rurais. É que devido ao conflito, muitas famílias tiveram que abandonar as suas zonas de origem em busca de refúgio.

Nos distritos localizados junto às fronteiras terrestres, muitos optaram por se refugiar nos países vizinhos até que o conflito armado cessasse. Em Lissesse, por exemplo, muitas famílias se refugiaram na Tanzânia e Malawi.

Tal foi o caso de Aly Sabite, de 43 anos de idade, cuja família teve que fugir do conflito para a Tanzânia, impedindo-o de ingressar no Ensino Primário. Após a assinatura do Acordo de Roma, que pôs fim à guerra, Aly e sua família regressaram a Lupilichi, porém, tarde para que pudesse voltar a estudar.

É por isso que só em 2016, motivado pela vontade de saber ler e escrever, decidiu se matricular no Centro de Alfabetização e Educação de Adultos de Lissesse, a fim de dar novo rumo à sua vida.

"A única coisa que aprendi durante a guerra, com os meus pais,

Ensinamos habilidades para a vida

UM dos objectivos da formação no Centro de Alfabetização de Lissesse é a emancipação e empoderamento das mulheres e adolescentes, fornecendo-as ferramentas para que possam iniciar o seu próprio negócio ou mesmo ingressar num emprego formal.

Segundo Elias Njilane, facilitador do centro, a instituição tem vindo a apostar em actividades complementares, aconselhando-as a buscar capacitação em áreas profissionalizantes como o corte e



A guerra atrasou a frequência de Aly na escola

foi trabalhar a terra e cuidar dos animais. Estou a gostar de estar aqui a estudar, porque aprendo muitas coisas. Já sei escrever o meu nome, ler algumas coisas e contar em português", conta Sabite.

O alfabetizado defende que as aulas devam ser no período nocturno para permitir aos alunos realizar actividades domésticas ou outras que garantam o sustento da suas famílias. Para tal, pede a expansão da rede de electricidade

para as instalações onde funciona o centro.

"Nós ainda não temos energia na escola, o que nos obriga a abandonar as nossas actividades durante o dia para ir aprender. Apesar da vontade que temos de aprender, as nossas actividades não deviam ficar paralisadas, pois garantem o nosso sustento. Com a energia aqui na escola poderíamos fazer o que nos sustenta e aprender mais e melhor", acrescentou.

de ensinar estas mulheres a ler e escrever, ensinamo-las a fazer negócio. Temos apoiado as mulheres e jovens que têm vontade de iniciar o seu próprio negócio", disse.

Njilane conta que o trabalho do centro não deve terminar no ensinar os 33 formandos ler e escrever, mas também a prover os conhecimentos necessários para que elas se moldem como homens, mulheres e jovens com responsabilidades na sociedade.

O nosso trabalho faz diferença

Para o caso das adolescentes, temos encaminhado para outras escolas para continuarem com os estudos", acrescentou.

Refira-se que o Centro de Alfabetização de Lissesse foi criado em 2007, como resposta à necessidade de erradicação dos índices de analfabetismos, cujas taxas se situavam em torno de em 44,9 por cento.

Estes índices são ainda mais elevados nas mulheres, 57,8 por cento, apesar dos progressos

Uadversas, que vão desde questões culturais, guerras, migração, incapacidade dos pais em apoiar o seu processo de formação.

Situado na localidade de Lupili-

de Lissesse ajuda jovens e adultos que, não tendo tido a oportunidade de estudar, procuram agora meios de se formar e profissionalizar nalguma área.

Desde que começou a operar,

33 alunos estão a frequentar o 1.º e 3.º ano de alfabetização, para posterior ingresso no segundo grau do Ensino Primário.

O cinyanja e o português são usados para imprimir uma maior

mesmo os números são conhecidos em língua local, faltando apenas a introdução destas componentes em língua portuguesa.

Segundo Elias Njilane, facilitador no centro de Lissesse, a

mães e os homens do povoado para poderem estudar, sendo que alguns acabam bem encaminhados profissionalmente.

Entre as actividades que ajudam as alunas a melhorar a comunicação em português estão algumas brincadeiras de "criança", como "voa ou não voa", cânticos que ajudam a expressar os seus sentimentos e alguns cânticos religiosos.

Segundo Elias Njilane, facilitador do centro, a instituição tem vindo a apostar em actividades complementares, aconselhando-as a buscar capacitação em áreas profissionalizantes como o corte e costura, comércio e culinária para a criação de negócios próprios. "A nossa alfabetização é mais do que isso porque, para além

ensinar os 33 formandos ler e escrever, mas também a prover os conhecimentos necessários para que elas se moldem como mulheres e jovens com responsabilidades na sociedade.

O nosso trabalho faz diferença na vida destas mulheres, porque lhes damos oportunidades e nalguns momentos apoiamos-las no seguimento da sua formação.

Estes índices são ainda mais elevados nas mulheres, 57.8 por cento, apesar dos progressos registados ao longo dos anos, ao sair de 93 por cento logo depois da independência, para 60.5 por cento em 2000.

Quero saber assinar



"Quero assinar documentos" - Mustafa Manhanga

NOS períodos antes e pós independência nacional, muitos são os bilhetes de identidade ou documentos que vinham com a estampa "Não sabe assinar". A situação criava um constrangimento para os detentores de tais "marcas" por ser sinal de iliteracia.

Foi essa razão, aliada às políticas educacionais, que levou muitos mo-

çambicanos a saírem da machamba e ir à sede da localidade ou à escola para aprender. No entanto, nem todos puderam o fazer por diversas razões, de entre elas a falta de estabelecimentos de ensino nas proximidades.

Mustafa Manhanga, de 52 anos de idade, é um dos exemplos dessas pessoas. Acabou por se interessar na

leitura e escrita, devido a dificuldades para ler e assinar documentos.

"Fico muito triste quando tenho que ir ao banco ou mesmo para tratar BI e mandam-me assinar. Assim que estou a aprender, tenho mais possibilidade de entender os assuntos de que se fala em língua portuguesa, ler o essencial e até mesmo assinar", afirmou Manhanga.

Camponês e criador, Manhanga faz também trabalhos de alfaiataria que aprendeu garças à sua vontade de explorar novos horizontes. Os números eram conhecidos apenas em cinyanja, tendo já aprendido a contar até 40 e fazer contas de somar, subtrair e multiplicar.

"Gostaria de aprofundar os meus conhecimentos, saber ler e escrever bem, porque isso vai me ajudar na profissão de alfaiate", acrescentou.

Mesmo sem saber ler e escrever, o interlocutor apostou na educação e formação dos filhos para que possam ter emprego digno e um destino diferente do que teve. E são eles que têm cuidado dela agora que não trabalha.

"Tenho cinco filhos, dos quais dois

terminaram a formação e encontram-se a trabalhar. Agora falta a mais nova concluir a formação profissional e ingressar no mercado de emprego, para que a minha felicidade seja completa", afirmou.

Se uns ainda sonham em aprender, outros até se arriscam em elaborar e ler pequenos textos. Sumina Mulémbwè, vive em Lissesse, frequenta o 3º ano de alfabetização, nível que lhe concedeu habilidades de leitura com destreza.

É por essa razão que foi escolhida pelos colegas para fazer a leitura do discurso por ocasião da visita da Esposa do Presidente da República, Isaura Nyusi. Serviu-se da ocasião para apresentar as preocupações do seu povoado, com destaque para a falta de água, estradas e necessidade de expansão da rede escolar.

"A população agradece o trabalho do governo neste posto administrativo. No entanto, queremos pedir a instalação de uma rede eléctrica, bem como o alargamento da rede escolar para que os nossos filhos possam concluir o Ensino Básico", acrescentou.

"Empurrada" ao casamento na adolescência

BERTA António tem 18 anos de idade e nasceu na localidade de Lupilichi. Cedo não teve oportunidade de estudar devido às dificuldades financeiras dos pais, a cultura local que não incentiva a frequência ao ensino por parte da mulher e pelo seu próprio desinteresse.

Aos 13 anos ficou grávida e teve o primeiro filho. Aos 15 anos, Berta veio a ter o seu segundo filho e mudou-se para casa do marido, depois das cerimónias de casamento tradicional. Mãe de três filhos, a jovem decidiu correr atrás do tempo e estudar.

Incentivada pelo marido, foi inscrita no início deste ano, onde se juntou a outras meninas da sua idade e até outras mais velhas para recomeçar a aprender o alfabetário,

ler e escrever, a fim de prosseguir os seus estudos.

"Nenhuma das minhas amigas estudou. No tempo em que cresci todas estavam preocupadas em namorar e ter marido e filhos, razão pela qual aos 18 anos ainda não sei ler nem escrever. Meu marido estudou e por isso me incentivou a vir aqui a escola", narra Berta.

Seu sonho é vencer as barreiras impostas pelo tempo, formar-se numa área profissionalizante e poder ajudar o esposo nas despesas da casa e sustento dos três filhos.

"Quando terminar a escola gostaria de ser professora. É uma profissão muito bonita e apaixonante. Gosto de ensinar as crianças", explica.



Gravidez e brincadeiras impediram Berta de estudar

PUBLICIDADE

ed 30. 346